

uma patologia linfoproliferativa de células B, que representa cerca de 2% das leucemias, sendo uma doença de difícil detecção, visto que os pacientes geralmente são assintomáticos. Apesar de não ter causa definida, sugere-se como fator de risco a exposição a produtos químicos e a infecção por alguns vírus. A pancitopenia observada nesse caso é um achado bastante comum nos quadros dessa leucemia, juntamente com a esplenomegalia. Inicialmente, é solicitado um hemograma, que mostra uma hipocelularidade da série megacariocítica e granulocítica, podendo ou não haver alterações na série vermelha, como é evidenciado no relato de caso apresentado. Nesse caso, quando os glóbulos vermelhos se mantêm dentro dos valores normais, caracteriza uma anemia normocrômica e normocítica.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.834>

LEUCEMIA MIELOÍDE AGUDA COM ACOMETIMENTO EXTRAMEDULAR

AVC Paiva, LA Soares, MB Bottrel, TSC Moraes, MCC Reginato, YP Alves, DE Silva, FS Camargo, MPS Souza

Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVAS), Pouso Alegre, MG, Brasil

Introdução: De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (INCA) para cada ano, entre 2020 e 2022, são diagnosticados 10.810 novos casos de leucemias no Brasil. A leucemia mieloide aguda é um dos tipos mais comuns de leucemia em adultos, mas mesmo assim é bem rara. A leucemia mieloide aguda (LMA) é uma doença caracterizada pela expansão clonal, heterogênea e progressiva, com proliferação anormal de células progenitoras da linhagem mieloide, associada à perda da capacidade de diferenciação, ocasionando produção insuficiente de células sanguíneas maduras normais, com consequente substituição do tecido normal. Acomete frequentemente idosos acima de 60 anos de idade e é rara em menores de 45 anos, representando cerca de 15% a 20% das leucemias agudas na infância e 80% nos adultos. A doença também pode ser manifestar com formas extramedulares, onde células leucêmicas saem da medula e se infiltram em outros tecidos, como a pele, gânglios e sistema nervoso, levando a um aumento da gravidade. **Relato de caso:** Paciente, 14 anos, masculino, foi diagnosticado com LMA com acometimento extramedular. Iniciou quadro com mialgia intensa em MMII, progredindo com paraparesia, sensibilidade tátil, térmica e dolorosa preservadas, além de retenção urinária, conferindo uma mielite torácica. RM de coluna evidenciou lesões expansivas extramedulares e extradurais desde o nível T3 até o nível T9. Hemograma apresentava anemia (Hb 9,9g/dl), leucócitos totais 26.700, segmentados 500, linfócitos 3200, blastos 76% e plaquetas 120.000. Realizado estudo de medula óssea que diagnosticou a leucemia mieloide aguda. O cariótipo era 45, X, -Y, t (8:21) (q22;q22), 9qh+c [18], 9qh+c [2]. Paciente realizou radioterapia em região de coluna torácica e quimioterapia de indução “3+7” com remissão completa e DRM negativa. Sem doadores compatíveis na família, foi inscrito no REREME e seguiu com consolidação com ARA-C



altas doses. Após o 4º ciclo de consolidação, paciente evoluiu com neutropenia febril secundária e pneumonia por COVID-19. Ficou internado por mais de 30 dias na UTI com piora do status performance e dificuldade de seguir tratamento da leucemia pela complicação clínica, apresentando recidiva da doença extra e intra-medular, evoluindo para óbito. **Discussão:** Neste caso o paciente abriu o quadro clínico com sintomas neurológicos sugestivos de mielite de causa desconhecida, após realização de RNM foi identificado lesão expansiva comprimido coluna torácica. Assim, feito o diagnóstico de LMA com acometimento extramedular pelo hemograma e estudo de medula óssea. LMA com sarcoma granulocítico é uma doença de pior prognóstico, com necessidade de tratamento intensivo e transplante de medula óssea alogênico. Nosso paciente acabou recidivando a doença antes do transplante devido complicação infecciosa por neutropenia febril secundária a pneumonia viral (COVID), evoluindo para óbito.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.835>

LIGA ACADÊMICA DE HEMATOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ: USO DE REDES SOCIAIS

BSL Wan-Dall, MD Marquetti, GA Moreira, JS Lima, VAM Funke

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil



Introdução: A Liga de Hematologia da Universidade Federal do Paraná (LaHem UFPR) surgiu no início de 2018 e é composta por estudantes de Medicina com interesse em aprofundar os conhecimentos de hematologia. Com a pandemia do coronavírus e a suspensão das atividades presenciais, a LaHem passou por um processo de adaptação e reinvenção para manter suas atividades de extensão com a comunidade. **Objetivos:** Relatar os desafios experienciados pela pandemia e o uso de redes sociais para promoção de atividades com a comunidade por uma Liga Acadêmica de Hematologia. **Métodos:** A LaHem conta com a realização de um curso introdutório anual para ingresso na liga, por meio de uma prova abordando diversos temas da hematologia. Com a pandemia do coronavírus, já ocorreram dois processos seletivos, com adaptação da dinâmica das atividades a fim de manter os pilares ensino-pesquisa-extensão. Neste relato de experiência, contamos as ações desempenhadas no meio digital dos alunos para a comunidade. **Resultados:** A LaHem UFPR teve suas atividades presenciais suspensas devido a pandemia de coronavírus. Foi necessária uma adaptação da interação com a comunidade para promoção do conhecimento hematológico ao público. A ideia de promover publicações em redes sociais semanalmente com conteúdos relacionados à hematologia surgiu com o intuito de trazer de maneira lúdica o acesso à especialidade. Os assuntos abordados nas palestras virtuais da liga foram resumidos pelos ligantes em forma de posts, reels e quiz abordando desde hematologia maligna, como leucemias, linfomas, mieloma, até hematologia benigna, como hemoflias e púrpuras, bem como, conceitos base de hemograma,

hematopoese e cascata da coagulação. Por meio de perguntas e respostas, fazíamos dinâmicas com o público e, posteriormente, publicações explicativas traziam pontos-chave sobre cada assunto. O engajamento recebido foi gradativamente aumentando e atingiu níveis de participação 80% superiores ao início do processo. A diretoria da liga também promoveu o Simpósio Fevereiro Laranja em referência ao mês da leucemia, com participação aberta ao público nacional e conscientização da população acerca do tema de Leucemias. **Discussão:** No contexto atual de pandemia, as redes sociais ganharam força no sentido de divulgar conhecimento e aproximar as pessoas ao redor do mundo. As interações no meio digital ultrapassam os limites de distância e tempo, permitindo que muitas pessoas de outras cidades, estados e países participem de atividades que, presencialmente, talvez não pudessem participar. Com isso desfrutamos do ganho cultural e intelectual que a pandemia nos proporcionou para informar o público médico e não-médico de maneira descontraída a respeito da hematologia, especialidade tão diversa e ainda pouco compreendida pelo público geral. **Conclusão:** O uso de plataformas digitais promoveu uma fusão da comunidade acadêmica e não acadêmica com os ligantes e possibilitou um canal de transmissão de conhecimento sobre hematologia. Apesar de não ser possível uma integração presencial com o público, as redes sociais criaram um ambiente de interdisciplinaridade importante e o resultado para a LaHem UFPR foi satisfatório.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.836>

LIGAS ACADÊMICAS DE HEMATOLOGIA: A DIFICULDADE EM ENCONTRAR ORIENTADORES

GC Vieira^a, GAS Xavier^a, PMM Costa^a,
PJB Camargo^a, ATO Raab^a, TA Nunes^a,
DFB Rêgo^a, GP Gutierrez^a, WO Santos^a,
LHA Ramos^b

^a Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF, Brasil

^b Centro de Câncer de Brasília (Cettro), Brasília, DF, Brasil

Introdução: Ligas acadêmicas são entidades estudantis orientadas por médicos especialistas que realizam atividades de ensino, pesquisa e extensão de forma a acrescentar na formação acadêmica. Uma dificuldade na execução destas atividades é a escassez de orientadores hematologistas, um desafio para as ligas relacionadas a esta especialidade. Pelo estudo demográfico de 2018, havia 2.668 médicos hematologistas no país - 0,7% do total de médicos registrados, com uma distribuição desigual nas regiões do país. Questiona-se, assim, qual o impacto da escassez e distribuição destes especialistas nas atividades das ligas acadêmicas. **Metodologia:** Foi realizado, em 2020, uma pesquisa quantitativa, via aplicação de questionários on-line a representantes de Ligas Acadêmicas de Hematologia atuantes no Brasil. O formulário foi enviado a 44 ligas, com uma adesão de respostas de 72,7%. O instrumento era autoaplicável e anônimo, a participação

voluntária, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O questionário original proposto era composto por 13 questões e, para esta análise, as informações de 2 delas foram catalogadas em tabelas do Microsoft Excel®: “A liga possui um orientador hematologista?” e “A liga enfrenta dificuldades ao procurar professores hematologistas?”. Para análise, as variáveis foram descritas em valores absolutos e proporções. **Resultado:** A grande maioria (93,75%) das ligas de hematologia possui um orientador especialista, em que 40,62% delas tem dificuldade em encontrá-los com disponibilidade para realizar tais orientações. Destas, 18,72% são do Nordeste, 12,49% do Sudeste, 3,12% do Norte, 3,12% do Centro Oeste e 3,12% do Sul. Ao analisar proporcionalmente por região, ligas da região Norte e Nordeste apresentam as maiores dificuldades, 66,6% e 50%, respectivamente, seguidas pela região Centro Oeste (33,3%), Sudeste (28,57%) e 25% no Sul. **Discussão:** O estudo de demografia médica no Brasil de 2018 realizado pela Universidade de São Paulo mostrou que dos médicos registrados como hematologistas, 60,6% encontram-se no Sudeste, 15,1% no Nordeste, 14% no Sul, 7,2% no Centro-Oeste e apenas 3% na região Norte. Considerando, assim, que mais da metade dos hematologistas encontram-se nos estados do sudeste, torna-se relevante o fato de que quase um terço das ligas daquela região tenham dificuldade de encontrar orientadores. Isso é corroborado no cenário oposto, em que no nordeste, onde estão 15,1% dos médicos hematologistas brasileiros, aproximadamente 67% das Ligas referiram dificuldade. É importante destacar que o número de hematologistas por habitantes, bem como a tendência de concentração médica em capitais, pode interferir na análise da pesquisa. Neste sentido, faz-se necessário levantar o debate do desafio enfrentado pelas ligas acadêmicas, uma vez que tem papel importante na formação dos médicos brasileiros. **Conclusão:** A concentração de hematologistas por região aparenta ter relação com a dificuldade em encontrar esses profissionais para orientar as ligas acadêmicas. Conforme exposto, nem mesmo uma maior concentração de especialistas em uma região consegue contrabalancear o desafio. Sendo assim, faz-se necessário compreender, em uma análise mais profunda, quais são estas dificuldades, trazer os gestores e associações para o debate e propor soluções para que acadêmicos interessados em hematologia tenham o suporte necessário para uma formação de qualidade.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.837>

O ENSINO REMOTO COMO FORMA DE CONTINUIDADE ÀS ATIVIDADES DE UMA LIGA DE HEMATOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

ACS Almeida, AR Alves, FM Reis, FM Reis,
IOS Pereira, JMC Oliveira, LC Lins, LS Silva,
MB Silva, NBA Miranda

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS),
Feira de Santana, BA, Brasil

